FORÇA *feminina* NA DEFESA DO CERRADO

De brigadas de incêndio ao plantio de árvores e à proteção das águas, mulheres transformam a preservação ambiental em trabalho coletivo

» DAVI CRUZ

Um dos biomas mais importantes do mundo, o Cerrado conta com uma forte rede de defesa e preservação. No Distrito Federal, o ecossistema tem como aliadas de mulheres que transformaram a conexão com a natureza em mobilização, conhecimento e ações concretas. Elas estão à frente de projetos que vão da proteção de nascentes ao combate a incêndios florestais e à recuperação de áreas degradadas. As iniciativas ajudam a preservar a natureza reconhecida como a savana mais biodiversa do planeta e fundamental para o equilíbrio ambiental e o abastecimento de água.

Na Serrinha do Paranoá, a relação de Lucinha Mendes com a preservação começou durante as discussões sobre a regularização fundiária das chácaras da região. Ao conhecer melhor as características ambientais do território, onde foram identificadas mais de 100 nascentes, compreendeu a importância de proteger a vegetação nativa. Diretora da Associação Preserva Serrinha e integrante do Fórum de Defesa das Águas, do Clima e Meio Ambiente do DF, ela passou a atuar na mobilização contra a grilagem e projetos de expansão urbana sobre áreas de Cerrado.

Segundo Lucinha, em 2017, quando Brasília enfrentou um período de racionamento de água, reforçou essa percepção de cuidado por parte dela. Na ocasião, a região da Serrinha ganhou importância nas discussões sobre alternativas para o abastecimento da capital. "O Cerrado em pé permite a infiltração das águas pluviais e sustenta as nascentes que abastecem o Lago Paranoá", destaca. Atualmente, uma das principais frentes de atuação da liderança é a mobilização pela criação de um parque nacional na região, como forma de garantir a proteção dos remanescentes de vegetação nativa.

Companheira de preservação e envolvida com a defesa das águas na Serrinha, Solange Sato, presidente da Associação dos Moradores do Núcleo Rural Urubu, coordena iniciativas de conservação e educação ambiental. Uma delas é o projeto Jardins de Chuva, que implantou seis estruturas em diferentes localidades, como Varjão, Olhos d'Água, Taquari, Grota Beija-Flor, Palha e Bálsamo. A proposta é favorecer a infiltração da água da chuva no solo e reduzir o escoamento superficial, além de envolver os moradores no monitoramento da qualidade da água.

A iniciativa é resultado de uma trajetória de mobilização comunitária e de parcerias com instituições ambientais e de pesquisa. Para Solange, a preservação depende não apenas de estruturas e políticas públicas, mas também do envolvimento dos moradores. "Não podemos esperar que todas as respostas venham de fora: precisamos reconhecer as pessoas como agentes ativos na transformação dos lugares onde vivem", afirma.

No Lago Oeste, Carol Dantas encontrou na proteção da vida uma motivação para atuar diretamente na conservação ambiental. À frente do Instituto Cafuringa e da coordenação de brigadas de incêndio na região, ela trabalha para fortalecer comunidades que convivem com o risco das queimadas. A aproximação com a causa aconteceu no contato com o Cerrado e, principalmente, com a realidade dos incêndios florestais, que afetam não apenas a vegetação e os animais no período de seca, mas também a água, o ar, a saúde e a segurança dos moradores.

O instituto apoia seis brigadas, reúne mais de 60 brigadistas e atua em uma área de monitoramento superior a 50 mil hectares. Segundo ela, a presença feminina também é expressiva com 77% da equipe é formada por mulheres. O trabalho envolve formação, distribuição de equipamentos, monitoramento e estratégias de prevenção, com o objetivo de preparar os territórios para enfrentar os riscos climáticos. "Eu costumo dizer que trabalho pela Vida. A Vida é minha patroa. E isso significa compreender que proteger o Cerrado é proteger aquilo que nos mantém vivos", resume.

Já Ana Lúcia Stival encontrou no plantio de árvores uma maneira de transformar uma conexão antiga com a natureza em ação coletiva. Bióloga, ela conta que desde criança procurava os poucos espaços de vegetação preservada do interior do Rio Grande do Sul onde cresceu. O interesse a levou a estudar biologia, fazer mestrado e doutorado e, posteriormente, trabalhar em Brasília.

Em 2019, depois de um período de pós-doutorado na Inglaterra, aproximou-se do movimento regenerativo O Tempo de Plantar, grupo voluntário de regeneração ambiental e plantio de mudas nativas que surgiu com forte atuação nas regiões do Sudoeste e Octogonal. Desde então, participa da mobilização de voluntários para recuperar áreas verdes. Entre 2019 e 2025, o movimento plantou cerca de 350 mil árvores em todo o DF e formou comitês nas 35 regiões administrativas. "Plantar é um ato de amor por si, pelo outro e pela Terra", define. Ela também acredita que a presença feminina na defesa ambiental representa o resgate de conhecimentos ancestrais, especialmente relacionados ao uso das plantas, à agricultura e ao cuidado com a natureza.

Protagonismo

A participação dessas mulheres em diferentes frentes de conservação também é observada pela professora Mercedes Bustamante, diretora do Instituto de Biologia da Universidade de Brasília (UnB) e referência internacional em mudanças climáticas. Para a pesquisadora, a liderança feminina tem uma contribuição importante na construção de soluções ambientais, especialmente pela capacidade de articulação comunitária, colaboração e integração de conhecimentos.

"Historicamente, as mulheres têm ocupado espaços fundamentais na educação ambiental e na defesa de territórios. No Cerrado, essa liderança se traduz em redes de cuidado e resistência", avalia. Mercedes destaca que essa atuação vai além da representatividade e pode ser percebida na maneira como os projetos conectam a conservação dos ecossistemas à saúde e ao bem-estar das comunidades.

Para a professora, projetos comunitários de conservação, plantio, reciclagem e educação ambiental, mesmo quando parecem pontuais, produzem impactos que alcançam toda a sociedade. A importância dessas iniciativas ganha ainda mais dimensão diante da riqueza ambiental do Cerrado. Segundo Mercedes, o bioma abriga três dos maiores aquíferos do país — Guarani, Urucuia e Bambuí — e contribui para o abastecimento de oito das 12 regiões hidrográficas brasileiras. No DF, essa função é especialmente importante, já que as áreas protegidas abrigam inúmeras nascentes e ajudam a garantir o abastecimento da população.

Diante das pressões do desmatamento, da ocupação urbana, das queimadas e da perda de biodiversidade, a pesquisadora defende a integração entre ciência, políticas públicas e iniciativas locais. "A conservação do Cerrado no DF é uma questão estratégica que exige a integração de esforços científicos, políticas públicas e, fundamentalmente, o fortalecimento das iniciativas locais e da liderança feminina, que é força potente e transformadora na defesa do bioma e na construção de um futuro mais sustentável", conclui.



Ed Alves/CB/DA Press

Mercedes Bustamante, diretora do Instituto de Biologia da Unb


Ed Alves/CB/DA Press

Lucinha Mendes é diretora da Associação Preserva Serrinha


Arquivo pessoal

Ana Lúcia Stival (esquerda) é uma das coordenadoras do Tempo de Plantar


Arquivo pessoal

Entre 2019 e 2025, o movimento plantou cerca 350 mil árvores no DF


Arquivo pessoal

O trabalho coletivo é um dos maiores aliados das iniciativas ambientais


Arquivo pessoal